

sobre tudo

ASSIMILAR AUSÊNCIAS

Gláucia Dias da Costa⁸³

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos
meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

Carlos Drummond de Andrade

No dia 05 de agosto de 2020 estive no Colégio de Aplicação da UFSC, local onde atuo como professora de História desde 2012, a fim de encontrar uma imagem que sintetizasse a situação de nossa escola durante a pandemia que impôs isolamento social a todos e aulas

⁸³ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora de História do Colégio de Aplicação/UFSC. Contato: glaucia.costa@gmail.com

remotas aos estudantes e professores. Naquele momento, e talvez ainda hoje, futuro era uma palavra que havia perdido seu significado.

Sabíamos muito pouco sobre os efeitos do vírus, o número de infectados disparavam em todos os cantos do país, diariamente mais de mil pessoas morriam de Covid-19, não tínhamos vagas em leitos hospitalares, não tínhamos ministro da saúde e tampouco ocupavam cargos de poder pessoas que pudéssemos chamar de governantes. Naqueles dias a distopia de “Não verás país nenhum”, de Ignácio Loyola de Brandão, parecia ter encontrado um lugar para chamar de seu. No que diz respeito às atividades escolares vivíamos incertezas, pois além de não termos qualquer previsão para o retorno das aulas presenciais, o ensino remoto se mostrava ineficiente e exaustivo para professores, estudantes e familiares. A falta de uma perspectiva de futuro – tempo eminentemente relacionado à escola e a qualquer projeto educacional – e a ausência de um espaço material compartilhado por aqueles que compõem a comunidade escolar, desafiavam, e continuam desafiando, todos os envolvidos nos processos educacionais a ponto de inviabilizar o funcionamento de alguns segmentos, como a educação infantil, por exemplo.

As fotos que compõe esse breve ensaio estão atravessadas pelos sentimentos de ausência e falta, que, como nos lembra Drummond, certamente não são a mesma coisa. Antes da deflagração da pandemia eu me encontrava afastada das atividades escolares para cursar doutorado e por isso nos últimos dois anos estive ausente da escola. Meu distanciamento do Colégio de Aplicação, portanto, não se deu de forma traumática e involuntária em decorrência da pandemia, mas em função de um desejo de formação profissional que foi acolhido, estimulado e apoiado pela instituição onde trabalho e por meus colegas. Portanto, quando voltei à escola em agosto de 2020 meu olhar carregava uma saudade diferente, que não era fruto apenas da dor que afligia todos naquele momento trágico que passávamos, mas também

de um carinho que eu tinha pelo meu local de trabalho e por minha profissão.

Quando pedi autorização para fotografar alguns espaços da escola sabia que iria encontrá-la vazia e munida de máscara, luvas e álcool em gel, me preparei para isso. No entanto, ao entrar no pátio e andar pelos corredores e salas de aula percebi que o vazio era agudo e polissêmico e que a ausência de pessoas evidenciava outras modalidades de presença, que se manifestavam das mais diferentes formas. Nesse percurso fotográfico a memória foi o fio condutor que direcionou meu olhar e me ajudou a organizar ideias e escolher os melhores enquadramentos para as “cenas” por mim selecionadas, de modo a tornar visível aquilo que eu gostaria que fosse dado a ver.

Esse ensaio é um exercício de compartilhamento de memórias, no qual essa aparente “ausência” de vida – caracterizada pela falta de contato físico com estudantes, amigos e colegas – é preenchida por lembranças que estão em mim e que foram assimiladas em forma de imagens fotográficas. Mas é também uma tentativa de tornar visível aquilo que já estava lá antes de mim e que continuará independente de minha existência: no “vazio” de pessoas, a arquitetura fala sobre outras pessoas, conta história de outros tempos e projetos; o mobiliário informa sobre mãos que riscaram a madeira e deixaram nela frases que não me dizem respeito e a que ao mesmo tempo dizem de mim, registram gestos abruptos e também subversões de usos jamais previstos pelos fabricantes; nas paredes as atividades que resistiam coladas há meses colocam em diálogo conteúdos curriculares, professores e estudantes. “Trabalhinhos”: papéis saturados de presenças, de afetos, de histórias pessoais e de conflitos. Não por acaso quando nós, professores, os levamos para casa num fim de semana qualquer eles ocupam tanto espaço! Quem dera fosse “só” a gramática, ou “só” o estudo dos efeitos deletérios da Lei de Terras de 1850 para a democracia contemporânea! Nas colunas do pátio vazio, a presença se

impõe em nomes escritos com canetinha hidrocor e corretivo. O desenho de um sol amarelo na tinta cinza satura de luz minha memória quando leio os nomes Aline, Júlia, Miguel. Como estão passando? Será que estão com saúde? Embora não tivesse notícias deles, naquele momento eles estavam ali, comigo. Sorri com seus sorrisos e senti orgulho de ter sido professora deles. “Não há falta na ausência” desde que consigamos assimilá-la, abraçá-la e levá-la para dançar.

A situação decorrente da pandemia deixou a escola disfuncional, carteiras empilhadas não servem ao seu propósito e salas de aulas sem alunos e professores não têm razão de ser. A escola está vazia. Está mesmo? E os objetos esquecidos na inspetoria? E os trabalhos colados nas paredes? E o calendário de tarefas por preencher? Os espectros estão por lá, pulsantes, eles têm vida e suas histórias não se encerram com o isolamento social. Esse exercício fotográfico é uma tentativa de elaborar a falta (e o luto), ressignificá-la e produzir esperança a partir dela nesse momento tão difícil. É preciso que lembremos que nós somos também parte dessa fantasmagoria inscrita nas paredes da escola, que resistimos apesar de tudo em outros espaços e que a ausência não esvazia nossa história. Dedico esse pequeno ensaio aos meus colegas de ofício, professoras e professores que se fazem presentes diariamente nas salas de aulas virtuais, desejando que essas imagens possam contribuir de alguma forma para assimilar suas ausências.



"E eu chorei, chorei, um mar só por ti"

Christophe

Ninguém pra ver alguém brincar

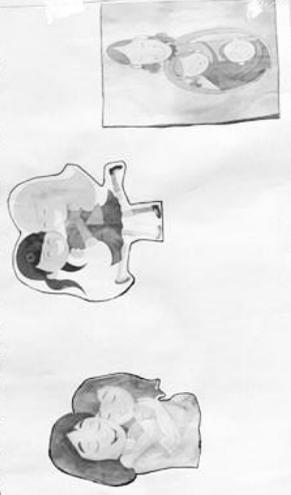




BRASIL,
não corte nossos
SONOS

VALENTIM: A.B. ARTHUR: T.E.

ABRAÇO:
UM APERTO QUE ALIVA



“Brasil, não corte nossos sonhos”
Arthur e Valentim



Pirâmide alimentar



A produção de ausências



“Garanto que uma flor nasceu”
Carlos Drummond de Andrade



*“O bicho alfabeto passa
fica o que não se escreve”
Paulo Leminski*

“Tem mais presença em mim o que me falta”

Manoel de Barros





"Tem mais presença em mim o que me falta"

Manoel de Barros

Mais uma vez a revista **Sobre Tudo** oferece a vocês, nossos leitores e leitoras, uma nova edição, o Volume 11, Número 1, intitulado Educação em tempos de pandemia. Embora tenhamos mantido a periodicidade semestral da publicação, a normalidade acaba por aqui, visto que a presente edição precisou adequar-se à emergência sanitária. Já era nossa praxe receber as submissões e tramitar textos de autores e pareceres do Conselho Consultivo por meio do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), bem como definir projeto gráfico e layout com nossos colaboradores e bolsistas por meio de redes sociais. Dessa vez, no entanto, foi preciso ampliar o período de submissão para pesquisadores e avaliadores, pois estavam sobrecarregados em regime domiciliar de trabalho, e realizar todas as reuniões da Comissão Editorial em plataformas on-line. O que esperar de uma edição gestada durante a maior crise de saúde pública mundial dos últimos cem anos? Como tem se dado a formação dos profissionais da educação nessa situação? Qual o rumo da educação no Brasil após completarmos mais de seis meses de escolas fechadas? E o que esperar das atividades pedagógicas não presenciais? Essas e outras provocações você encontra nas páginas desse periódico.

Desengavetem suas ideias:
Leiam! Escrevam! Compartilhem!



COLÉGIO DE APLICAÇÃO
desengavetandoideias

O PROJETO DE CRISE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA